

PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO DE UMA PROFESSORA EM DOCÊNCIA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO DO IFB – CAMPUS ESTRUTURAL

Mônica Angélica Barbosa de Almeida ¹

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho se originou das discussões e estudos no âmbito da disciplina *Avaliação nos espaços educativos* no contexto do curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT. O presente estudo objetiva investigar as percepções e práticas de avaliação de uma professora em docência no curso Técnico de Nível Médio em Manutenção Automotiva, integrado ao Ensino Médio na modalidade presencial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – campus Estrutural, identificando quais as relações da sua prática avaliativa com a avaliação defendida pela instituição e com o referencial teórico utilizado no estudo. A relevância social desta leitura se demonstra na percepção da avaliação como uma prática educativa essencial para a formação humana integral e para as aprendizagens.

Toma como referência uma avaliação pensada para uma formação integral do indivíduo, que possibilita o acesso a conhecimentos científicos e tecnológicos, promovendo a reflexão crítica sobre os padrões e referências culturais e estéticas que se manifestam em tempos e espaços históricos, base dos documentos que regem a educação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Tem como referencial teórico os trabalhos de Vasconcellos (1993) e Luckesi (2000) trabalhados na disciplina *Avaliação nos espaços educativos*.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi análise documental, com o objetivo de coletar as narrativas escritas presentes no Plano de Curso do Curso Técnico de Nível Médio em Manutenção Automotiva Integrado ao Ensino Médio na modalidade presencial e no Regulamento dos Cursos Técnicos de Educação Profissional Técnica Integrados ao Ensino Médio do IFB e entrevista semiestruturada com uma professora docente no referente curso, com apoio na pesquisa narrativa de abordagem qualitativa.

Foi possível constatar que, apesar da proposta da instituição estar pautada numa formação humana integral, seus documentos são abrangentes quanto à concepção de avaliação, indicando a avaliação diagnóstica, formativa e somativa para as aprendizagens. Desse modo, a intencionalidade e postura quanto ao uso dessas abordagens cabe aos professores, pois não há indicação quanto à utilização dessas abordagens ou da prática de formação continuada para sua reflexão. A professora entrevistada declara que se utiliza com maior frequência da avaliação somativa, se aproximando de uma avaliação formativa na variedade de atividades avaliativas. Afirma que há influência da comunidade e das políticas educacionais de educação quanto ao objetivo da avaliação, mas considera a matriz curricular para o seu planejamento. A avaliação é um tema que carece de discussões nos documentos que norteiam o trabalho dos professores do Curso Técnico de Nível Médio em Manutenção Automotiva Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – campus Estrutural.

¹ Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica no Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás/Campus Anápolis, mabalmeida1983@gmail.com.br;

Este estudo conta com o financiamento do Programa Institucional de Bolsas para alunos de pós-graduação stricto sensu do IFG (Piq-Aluno);

METODOLOGIA

Caracterizando-se enquanto uma pesquisa qualitativa, este estudo considera a relevância e a reflexibilidade das descobertas e as diferentes perspectivas e contextos sociais que se apresentam no material empírico. A pesquisa qualitativa considera a comunicação do pesquisador em campo como parte da construção do conhecimento e não como variável que interfere no processo. A subjetividade dos sujeitos participantes da pesquisa torna-se parte do processo e as impressões e reflexões do pesquisador constituem-se como parte essencial da pesquisa (FLICK, 2009).

Em consonância com a abordagem qualitativa, utilizou-se da pesquisa narrativa como estratégia de investigação para a coleta e análise dos dados. A pesquisa narrativa parte das realidades construídas sobre as narrativas. Ela é uma forma de entender a experiência num processo colaborativo entre pesquisador e pesquisado. É uma estratégia de investigação na qual o pesquisador coleta relatos dos indivíduos sobre determinado tema a fim de buscar respostas para a compreensão de determinado fenômeno. Essas narrativas, então, são recontadas ou recriadas pelo pesquisador em uma cronologia narrativa. A narrativa final combina as visões do participante com aquelas do pesquisador em uma narrativa colaborativa (CLANDININ; CONNELLY, 2015).

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi análise documental, com o objetivo de coletar as narrativas escritas presentes no Plano de Curso do Curso Técnico de Nível Médio em Manutenção Automotiva Integrado ao Ensino Médio na modalidade presencial e no Regulamento dos Cursos Técnicos de Educação Profissional Técnica Integrados ao Ensino Médio do IFB e entrevista semiestruturada com uma professora docente no referente curso, com o objetivo de captar as narrativas orais sobre o objeto pesquisado.

ABORDAGEM TEÓRICA

A concepção de educação defendida pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília está assentada na formação humana integral. A formação humana integral sugere que a divisão histórica do ser humano, feita a partir da separação entre o trabalho manual e o intelectual, do ato de executar e do ato de pensar, seja superada. A educação comprometida com a formação humana busca garantir uma formação completa, possibilitando aos sujeitos a capacidade de agir politicamente na sociedade. Uma formação integrada não somente possibilita o acesso a conhecimentos científicos e tecnológicos, mas também promove a reflexão crítica sobre os padrões culturais e as referências estéticas que se manifestam em tempos e espaços históricos (LIMA e CORDÃO, 2017).

A concepção de formação humana integral se materializa a partir de propostas e documentos que norteiam o trabalho pedagógico das instituições educacionais. Diante disso, a proposta curricular em que se sustenta o planejamento das práticas pedagógicas é extremamente importante para a efetivação de uma educação integrada. Nesse sentido, os Institutos Federais ofertam o ensino médio integrado numa perspectiva de formação humana integral, na tentativa de superar a dualidade trabalho manual e intelectual, sendo que a base curricular em que se sustenta o trabalho pedagógico do Instituto Federal de Brasília – Campus Estrutural é o currículo integrado (IFB, 2016).

O currículo integrado é uma proposta que surge em contraposição aos modelos educacionais tradicionais, que servem à manutenção de um modelo de sociedade hegemônico, construído a partir da exploração do trabalho humano. Portanto, o currículo integrado carrega em si uma intencionalidade política e pedagógica de superação da sociedade vigente. Segundo Santomé (1998, p.187), o currículo integrado “deve servir para atender às necessidades de alunos e alunas de compreender a sociedade na qual vivem, favorecendo

consequentemente o desenvolvimento de diversas aptidões, tanto técnicas como sociais, que nos ajudem em sua localização dentro da comunidade como pessoas autônomas, críticas, democráticas e solidárias”.

Com base nessa proposta de educação, a avaliação que se objetiva está pautada na avaliação integral dos indivíduos, buscando a prevalência dos aspectos qualitativos e realizada por todo o processo de ensino e aprendizagem. Segundo o Regulamento do Curso Técnico integrado ao Ensino Médio, “[...] deve-se primar pelos princípios da avaliação integral do estudante, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais” (BRASIL, 2016, p.20). Em conformidade com esse entendimento, as modalidades avaliativas sugeridas se pautam na avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação somativa.

A avaliação diagnóstica, realizada no início do processo de ensino-aprendizagem em caráter permanente, aponta as necessidades de intervenção pedagógica, identifica os conhecimentos trazidos pelos estudantes e constata as necessidades de cada um deles. Com base no diagnóstico, se qualifica os dados obtidos a partir de uma teoria pedagógica adequada e se constrói o planejamento de ensino para que haja a tomada de decisão no sentido de auxiliar o desenvolvimento da aprendizagem do educando. A avaliação formativa, de caráter contínuo e sistemático, realiza a análise dos dados para promover intervenções constantes e considera todos os envolvidos no processo avaliativo. Nessa modalidade de avaliação, se sobrepõe a análise qualitativa sobre a quantitativa e se utiliza de diferentes formas de avaliar, pois, o importante não são os procedimentos de avaliação, mas sim a intenção do avaliador ao avaliar e o uso que se faz desses procedimentos. Já a avaliação somativa possibilita avaliar os saberes adquiridos, fornece resultados de aprendizagem, subsidia o planejamento do ensino para a próxima etapa e informa o rendimento do estudante em termos parciais ou finais. Nessa modalidade, o balanço das aprendizagens é realizado após um determinado período de tempo (HADJI, 2001, BRASIL, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A entrevista semiestruturada realizada com a professora possibilitou a análise de algumas percepções e práticas relacionadas diretamente à avaliação. Uma das questões levantadas se refere à reprovação. A relação da avaliação ao ato de classificar, verificar, controlar, segregar é uma questão histórica. Com base nesse entendimento, por muitos anos, os professores justificaram os altos índices de reprovação e evasão dos estudantes a essa concepção de educação, de cunho tradicional, não refletindo acerca de seu papel enquanto professor-avaliador (VASCONCELLOS, 1993). Essa prática ainda está muito presente dentro das instituições de ensino e é alvo de grandes questionamentos entre professores. Apesar do surgimento de políticas educacionais que buscam meios alternativos de lidar com o desenvolvimento da aprendizagem, como a estratégia de progressão continuada, a reprovação continua sendo o meio mais utilizado para controlar o que o estudante alcançou ou não em termos de conhecimento.

Segundo a professora entrevistada, a reprovação “pode prejudicar causando evasão, por outro lado, uma vez que é trabalhada a possibilidade de que a reprovação venha a ser proveitosa em termos de o estudante dispor de maior maturidade e aproveitar alguns aprendizados do ano anterior, respeitando seu próprio tempo e processo, pode ser menos danosa”. A afirmação da professora revela uma ideia que se distancia da avaliação formativa, além de não deixar clara a responsabilidade do docente nesse processo. Segundo Luckesi (2006), a reprovação pouco tem a ver com a prática de uma avaliação contínua, sendo que do ponto de vista pedagógico não se justifica. A prática da reprovação, nesse sentido, está mais relacionada à avaliação somativa, que também é abordada pela instituição.

Atualmente, existe uma constante disputa entre as dimensões do avaliar, *avaliar para intervir e mudar e avaliar para classificar e excluir* (VASCONCELLOS, 1993). Dentro dessa perspectiva dual, o professor se coloca numa situação de contradição. Diante das intensas discussões acerca da avaliação, ele se posiciona como um educador defensor de uma avaliação com uma intencionalidade formativa, interventiva, transformadora. Em contrapartida, as políticas educacionais de avaliação, pressionam para que uma avaliação com base na seleção, classificação e exclusão seja efetivada. Assim, mesmo dentro de uma proposta de formação integrada, base curricular dos Institutos Federais de Educação, a pressão para se alcançar índices de rendimentos compatíveis com a demanda do mercado é intensa.

Nesse sentido, a professora entrevistada afirma que “os próprios estudantes tomam a aprovação como parâmetro para qualidade do ensino da escola em que estudam, os professores são cobrados pelos pais dos estudantes e alguns colegas docentes também acreditam ser a aprovação em avaliações externas nosso objetivo”. Assim, percebe-se que a intencionalidade da avaliação é muito marcada pelas exigências externas à instituição e pelo modelo de sociedade vigente, causando um desalinhamento da proposta de educação da instituição com o objetivo da avaliação praticada. Mesmo diante dessa realidade, a professora afirma que a discussão sobre avaliação deve coadunar com o currículo praticado, assim, “se temos um currículo integrado, a avaliação deve ser integrada, acompanhando o organizado pela matriz curricular”.

Segundo Luckesi (2000), a avaliação é uma responsabilidade de todos os profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e visa auxiliar os estudantes na busca e construção de si mesmos. De acordo com as ideias de Luckesi (2000), o primeiro passo a ser realizado pelo professor é o diagnóstico da realidade. Com base no diagnóstico, se qualifica os dados obtidos a partir de uma teoria pedagógica adequada e construção do planejamento de ensino para que haja uma tomada de decisão no sentido de auxiliar o desenvolvimento da aprendizagem do estudante. Nesse sentido, objetivos, estratégias, instrumentos, devem estar em coerência com esse processo. Em consonância, a professora entrevistada afirma que “realiza avaliação diagnóstica informal para identificar conhecimentos prévios. Quando não conheço a turma faço algo mais detalhado para compreender, sobretudo a capacidade de escrita e leitura”.

Em contrapartida, ela declara que a avaliação realizada é “predominantemente somativa”. Na busca por atender à proposta de avaliação da instituição, a professora inclui em sua prática avaliativa diferentes procedimentos avaliativos. Ela afirma que “considera aspectos formativos em alguns momentos como o de dinâmicas, jogos e atividades em grupo”. Também não se limita a testes quantitativos buscando “realizar uma avaliação diversificada como seminários, provas, atividades em sala, atividades em grupo, estudos dirigidos, dinâmicas e jogos”. Quanto à aplicação de provas, a professora realiza com o propósito de “mensurar a absorção dos conteúdos trabalhados e a capacidade de formalização do aprendido”. De acordo com a professora, essas estratégias são úteis a uma formação integral do estudante “desde que busquem refletir a evolução do estudante considerando seu ponto particular de partida e não apenas supondo que todos aprendam da mesma forma”, ou seja, exige postura e reflexão crítica dos avaliadores quanto à educação que se pretende praticar. Apesar da afirmação, ela não relata outros objetivos às atividades realizadas além de “mensurar a absorção de conteúdos”.

Levando em consideração a concepção de avaliação defendida por Luckesi (2000) e Vasconcellos (1993), a atenção dada à subjetividade dos sujeitos é essencial. Considerar as percepções dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem, suas necessidades e peculiaridades é determinante para que os direitos à aprendizagem sejam preservados. Nesse sentido, todas as manifestações dos estudantes que possam trazer elementos ao processo de

ensino-aprendizagem devem ser consideradas. Segundo a percepção da professora entrevistada alguns desafios são postos quando se trata da subjetividade dos sujeitos envolvidos no processo avaliativo e revela que “para mim o mais desafiador numa avaliação é quando o estudante se recusa a fazê-la, seja deixando a questão em branco, não participando da atividade ou não entregando as tarefas, pois aí sim ficamos sem saber o que se passa”. Essa concepção também se distancia de uma avaliação formativa, de caráter contínuo, pois se detêm às análises das atividades, desconsiderando outras estratégias importantes de avaliação como os registros reflexivos ou autoavaliação.

De acordo com Vasconcellos (1993, p.103), avaliação processual, ou seja, contínua, “é essa atenção e ocupação permanente do professor com a apropriação efetiva do conhecimento por parte do estudante, com a interação aluno-objeto do conhecimento-realidade, é uma postura, um compromisso durante todo o processo de ensino-aprendizagem”. Portanto, a preocupação com o processo de ensino-aprendizagem deve ser, além de um ato consciente do estudante, uma responsabilidade do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo possibilitou compreender algumas percepções e práticas avaliativas da professora entrevistada enquanto profissional atuante em uma instituição que defende uma educação para a formação humana integral. Verificou-se que, em sua prática, a professora faz uso de diversas estratégias de avaliação, condizentes com o Plano de Curso do Curso Técnico de Nível Médio em Manutenção Automotiva Integrado ao Ensino Médio na modalidade presencial e no Regulamento dos Cursos Técnicos de Educação Profissional Técnica Integrados ao Ensino Médio do IFB. Porém, sua prática avaliativa se aproxima de forma mais expressiva da avaliação somativa. Considera-se que a avaliação somativa, se não refletida, leva a um distanciamento da proposta de educação que a instituição defende e também da avaliação diagnóstica e formativa, que constam nos documentos que regem a instituição.

Um dos maiores dilemas ao se discutir uma proposta de avaliação com professores não é o instrumento avaliativo, mas o que e como está sendo ensinado aos alunos, que reflete fortemente a falta de articulação entre o que se quer e a prática pedagógica, um dos grandes problemas da educação escolar, reforçado pelas políticas educacionais e pela pressão da comunidade, como mencionado pela professora acerca das avaliações externas. Essas questões levam à reflexão sobre o que vale a pena ser ensinado, atrelada à realidade de um programa a ser cumprido.

Nesse contexto, não dá pra falar em avaliação sem definirmos um projeto de educação, essencial para a clareza do que se pretende em nível de avaliação. Nesse ponto, é importante ter clareza quanto às concepções teórico-metodológicas que embasam o currículo da instituição para a prática de uma avaliação que privilegia uma formação integrada, pois a avaliação é também uma questão de posicionamento e de concepção de educação que o docente carrega. O Plano de Curso do Curso Técnico de Nível Médio em Manutenção Automotiva Integrado ao Ensino Médio na modalidade presencial e o Regulamento dos Cursos Técnicos de Educação Profissional Técnica Integrados ao Ensino Médio do IFB não explicitam como essas discussões são realizadas.

É importante ressaltar que essas práticas devem estar aliadas à mudança de intencionalidade e de postura, sem a qual a mera mudança na prática não acarretará o alcance da proposta avaliativa. O professor não deve permitir que a avaliação formal, com suas exigências quantitativas, classificatórias, comprometa a avaliação essencial, natural do processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Avaliação; Educação básica, Prática docente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília. **Resolução nº 001-2016/CS – IFB.** Aprova o Regulamento dos Cursos Técnicos de Educação Profissional Técnica Integrados ao Ensino Médio do IFB.

CLANDININ, D. J. CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa.** Grupo de pesquisa narrativa e educação de professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015. 250p.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HADJI, C. **Avaliação desmistificada.** Porto Alegre-RS: Artmed, 2001.

LIMA, J. F. CORDÃO, F. A. **Desafios da Educação Profissional Técnica de Nível Médio.** Boletim Técnico do Senac, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 78-109, jan./abr. 2017.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE BRASÍLIA (IFB). **Plano de Curso Educação Profissional Técnica de Nível médio do Curso Técnico de Nível Médio em Manutenção Automotiva Integrado ao Ensino Médio, na modalidade presencial.** Brasília – DF, 2016.

LUCKESI, C. **Avaliação da aprendizagem escolar.** 16ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LUCKESI, C. Entrevista com Cipriano Luckesi. **Revista Nova Escola**, abr. 2006. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/190/cipriano-carlos-luckesi-qualidade-aprendizado>

SANTOMÉ. J. T. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado.** Porto Alegre: Artes médicas, 1998.

VASCONCELLOS, C. S. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança por uma práxis transformadora.** São Paulo: Libertad, 1993.